

NÃO PINTCHA

ORGÃO DO MINISTÉRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

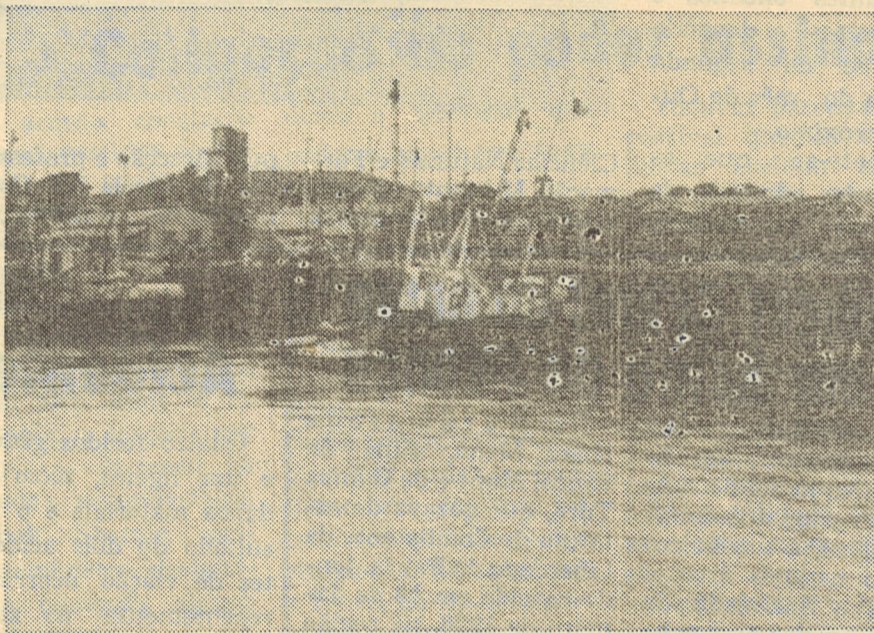
TELEFONES: 3713/3726/3728

BISSAU

PORTO DE BISSAU: ASSINADO ACORDO COM ARÁBIA SAUDITA

O financiamento do projecto do Porto de Bissau foi concluído ontem à tarde no Ministério dos Transportes e Turismo, entre o nosso Governo e o Fundo Saudita do Desenvolvimento, com a assinatura de um acordo no valor de 8,35 milhões de dólares (cerca de 340 000 000 de pesos).

O acordo foi assinado da nossa parte pelo Ministro dos Transportes e Turismo, camarada Manuel Santos e da parte saudita pelo senhor Saleh Al-Humaidan.



RENOVADO CONVITE AO PAPA

O Presidente do Conselho da Revolução, João Bernardo Vieira (Nino), que recebeu em audiência o bispo de Bissau, Monsenhor Artur Séptimo Ferrazeta, entregou-lhe uma mensagem, na qual reforça o convite feito há tempos ao Sumo Pontífice, Papa João Paulo II, para visitar o nosso país.

Saliente-se, que o mais alto expoente da Igreja Católica havia indicado, recentemente, que visitaria a Guiné-Bissau na sua próxima digressão pela África.

MENSAGEM AO COMISSÁRIO DA CEE

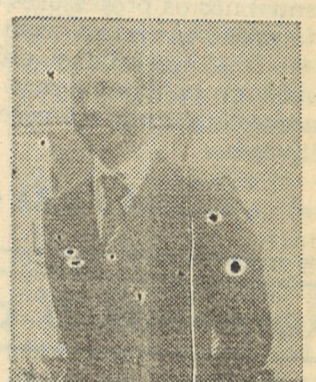
O camarada Presidente Vieira enviou uma mensagem ao Comissário para o Desenvolvimento da Comunidade Económica Europeia, senhor Edgard Pisani, na qual agradece a CEE, pela verba de 25 mil unidades de conta concedida em forma de assistência à Guiné-Bissau e um donativo de cerca de 104 milhões de pesos.

Através do encarregado da missão da C.E.E. em Bissau, o Presidente enviou àquele dirigente da Comunidade Económica Europeia os documentos do nosso futuro Plano Quadrienal.

O Presidente Nino Vieira nomeou ontem mais quatro membros do Governo (na gravura da esquerda para a direita: Filinto Barros, ministro da Justiça, Alexandre Nunes Correia, ministro da Informação e Cultura, Luís Senca, Secretário de Estado das Pescas e Bartolomeu Pereira, Secretário de Estado do Plano e Cooperação Internacional).

(Ver pág. 8)

NOVOS MEMBROS DO GOVERNO



CEDEAO: CRIAÇÃO DE ZONA MONETÁRIA

Um projecto de criação de uma zona monetária da África Ocidental englobando os 16 países da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental — CEDEAO, está em estudo em Dakar.

A ideia da criação desta zona monetária nasceu na reunião dos Chefes de Estado realizada em Maio deste ano na capital da República Popular e Revolucionária da Guiné. A sua criação «visa pôr termo à disparidade actual das moedas dos 16 países membros da CEDEAO».

Sobre a base do documento elaborado pelo Secretariado Executivo da CEDEAO, os governadores dos Bancos Centrais estudaram as implicações económicas e financeiras, a pertinência e as condições viáveis à criação de uma zona monetária comum.

PLANO QUADRIENAL DE DESENVOLVIMENTO MESA REDONDA EM GENEVRA

O Conselho de Ministros, na sua reunião semanal, aprovou os documentos do Plano Quadrienal de Desenvolvimento, a serem apresentados na mesa redonda a realizar em Genebra, nos princípios de 1984.

O executivo, que reuniu sob a presidência do Chefe de Estado, camarada João Bernardo Vieira, decidiu pôr fim ao horário do período único na Função Pública, que vinha vigorando desde meados de Agosto.

O Conselho de Ministros decidiu ainda, nesta sua reunião, abster-se de emitir qualquer juízo sobre o derrube do «Boeing 747» sul-coreano pela União Soviética, na noite de 31 de Agosto para 1 de Setembro.

Depois de ter analisado e discutido exaustivamente a actual situação internacional, o Governo lamenta as perdas humanas verificadas no incidente do avião da Coreia do Sul no território soviético e apela a todos os países para que façam os possíveis, a fim de evitar que situações do género se repitam.

Dos leitores

O que será dos nossos quadros amanhã?

Ao camarada Director do «Nô Pintcha»

Existem alunos que a sua maior preocupação, é copiar, ir à escola com livrinho cheio de cábulas ou pedir ao seu camarada que lhe faça a chamada escrita, entregando depois, e comentando de seguida que «A I EL DÊ, ESCOLA DI GOSSI I SON DUBRIAGEM».

Pergunto, se amanhã esses alunos depois de formados serão capazes de desempenharem as funções que lhes forem atribuídas? Não. Porque? Porque as ignorâncias e as incompetências irão manifestar-se negativamente nos seus trabalhos.

Por isso, peço a esses alunos que evitem essa situação.

Há professores que por mais ríspidos que sejam não conseguem evitar os copianços.

Agora pergunto, será que o culpado é o professor? Não.

A quem culpar então? É intuitivo que são os alunos porque estas artimanhas fazem parte dos seus hábitos e costumes. Há mesmo um provérbio em crioulo que diz o seguinte:

«BULI CU CUSTUMA BALANÇA NIN SI BENTO BIN CATEM I NA BALANÇA SON».

Não nego que, universalmente, durante a vida estudantil, não hajam relações de ajuda mútua estabelecidas entre uns e outros que a própria sociedade tolera. Mas o que se verifica actualmente no caso concreto do nosso país, é que essas ajudas são exageradas. Pois são essas «ajudas» que vão contribuir para o baixo nível do ensino no país.

Sabe-se que depois de um aluno finalizar tem por direito dar a sua contribuição.

Agora pergunto, essa contribuição será dada como, se ele passou toda a vida a copiar?

No Liceu Nacional Kwame N'Krumah, no Liceu 23 de Janeiro ou nos Liceus regionais, ou em empresas estatais, ele não vai poder assumir na íntegra a sua responsabilidade.

E para terminar faço uma autocritica na qual nós os professores devemos evitar que os alunos continuem com esses hábitos porque no final de contas o único prejudicado é o próprio país que nunca poderá dispôr de quadros capazes de o levarem no caminho do progresso.

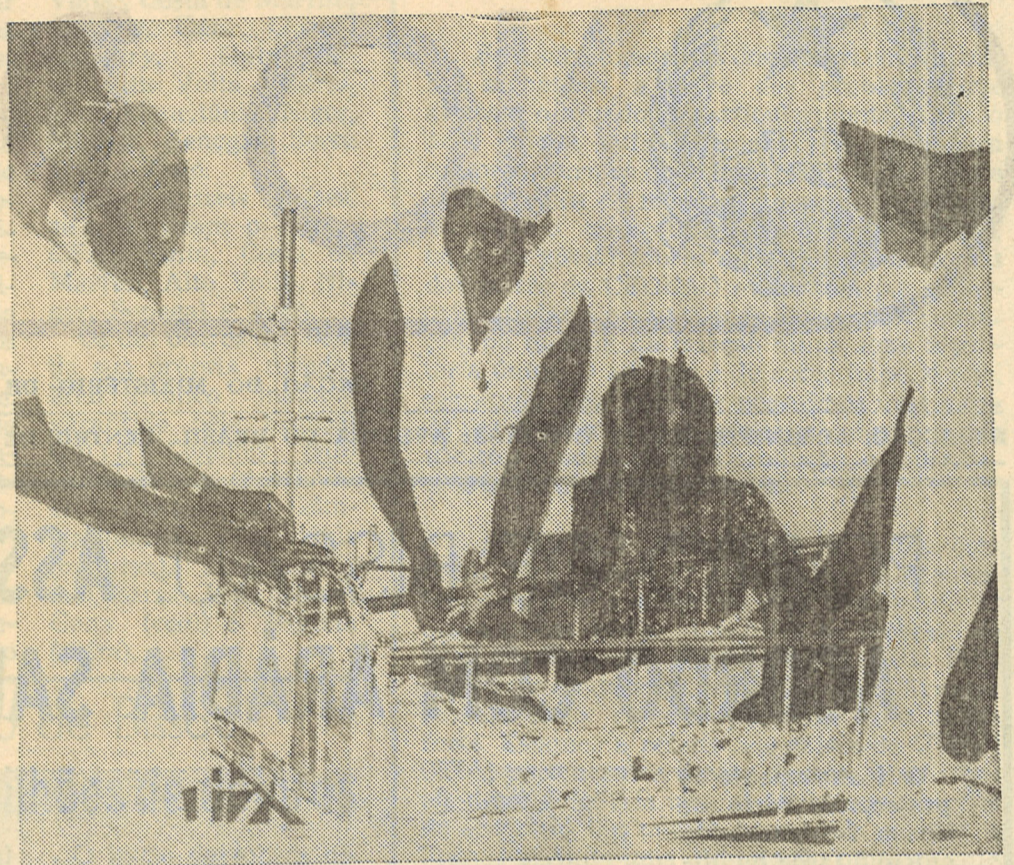
JOSÉ SOUSA CORDEIRO (Mununo)

Candidatos a enfermagem fizeram concurso

Decorreram na Escola do Ensino Básico Complementar III Congresso, em Bissau, as provas de admissão para os candidatos à Escola de Enfermagem «Fernando Cabral». Segundo o camarada Fausto Mendes, director daquele estabelecimento de ensino ligado à saúde, foram admitidos às provas 335 candidatos, necessitando a Escola, no entanto, apenas de 30 elementos para os cursos de auxiliares de parteira e de laboratório e mais 30 para o de enfermagem geral.

As aulas no «Fernando Cabral» serão este ano ministradas por professoras nacionais e alguns cooperantes cubanos e portugueses, devendo iniciar-se na segunda semana do mês de Outubro próximo.

Saliente-se que as provas de admissão de Português, Matemática,



Ciências Naturais e Formação Militante foram elaboradas e controladas

pela direcção e professores da Escola III Congresso, em colaboração

com o Ministério da Saúde e Assuntos Sociais.

Amílcar Cabral dá nome a um bairro de Paunca

As autoridades da secção de Paunca, decidiram dar o nome do nosso líder, camarada Amílcar Cabral, a um bairro situado naquela área.

Com a finalidade de assistir ao descerramento da placa do referido bairro, esteve naquela localidade o camarada Ansumane Sambú, secretário para a organização do Partido do sector de Sonaco, acompanhado do camarada Sello Djaló, comandante da Polícia e Ordem Pública da região de Gabú.

Entretanto, faleceu no passado dia 13, no hospital regional de Gabú, a

enfermeira e camarada Djará Mané, filha de Sancai Mané e de Cumba Turé, que gozava do estatuto de Combatente da Liberdade da Pátria, tendo nascida em 10 de Janeiro de 1928, na região de Gabú.

A camarada Djará Mané, ingressou nas fileiras do Partido em 1964, na base de Sambuca, no Norte do País. Em 1967, trabalhou no hospital do Partido em Ziguinchor (República do Senegal) e, depois da independência, Djará Mané exerceu essas funções nos hospitais regionais de Farim e Gabú, respectivamente.

Canchungo

Acidente de viação

Quatro feridos graves e um ligeiro, além de danos materiais é o resultado de dois acidentes de viação ocorridos recentemente na zona Norte do país, mais precisamente nas estradas que ligam Pelundo-Canchungo e Canchungo-Cacheu.

Entre Pelundo e Canchungo, devido a furo de um dos pneus, uma «candongia» marca Peugeot, que circulava em excesso de velocidade, capotou numa distância

de 100 metros, provocando quatro feridos graves e danos materiais de grande vulto.

Entretanto, na passada quarta-feira, registou-se outro acidente de viação quando, o condutor de uma viatura de matrícula NA-0146, que circulava na estrada Canchungo-Cacheu tentou desviar-se de um peão que andava no meio da via: Não tendo conseguido, viria a atropelá-lo provocando-lhe ferimentos ligeiros.

Responde o povo

Como acabar com as queimadas?

O deserto aproxima-se a grande velocidade. Se não forem tomadas medidas e as populações não colaborarem e combaterem a aproximação deste mal da natureza, daqui por alguns anos o nosso país, que já tem problemas de sobra, poderá ver-se a braços com outra dificuldade — a desertificação.

Nos países vizinhos, nomeadamente o Senegal e mesmo nas zonas Norte e Leste da Guiné-Bissau as populações sentem cada ano que passa a diminuição das chuvas, uma ameaça séria. Como evitar a desertificação? Uma das formas é acabar com as queimadas e ao mesmo tempo plantar árvores. Mas, o nosso povo ainda não compreendeu bem este problema. O tema do nosso responde o povo desta edição refere-se aos métodos que podem e devem ser utilizados para acabar com as queimadas.

LIMPAR O TERRENO COM CATANAS

Saturnino Manuel Fernandes, presidente do bairro de Santa Luzia «O método que proponho para acabar com as

queimadas é limpar o terreno que o camponês necessita para lavar, com catanas.

Devem-se evitar as queimadas dado que, o fogo pode alastrar-se e

queimar quilómetros de floresta que é uma das grandes riquezas do nosso país. Acho que o Ministério do Desenvolvimento Rural deve contactar os camponeses para lhes explicar o motivo porque não devem fazer queimadas, porque além de prejudicarem as florestas prejudicam a agricultura. Se a agricultura é a base principal da nossa economia não devemos brincar com o seu desenvolvimento. Para isso, é preciso conversar seriamente com os agricultores a respeito das queimadas, porque também provocam falta de chuva.

AJUDAR OS CAMPONESES NA FERTILIZAÇÃO DOS TERRE-NOS

Areolino Lopes da Cruz, residente no bairro de Santa Luzia — «Eu acho que o método que se deve propôr para acabar com as queimadas é o seguinte: ajudar os camponeses na fertilização dos terrenos. Eu não sei qual é a razão que leva os camponeses a tais práticas.

Para evitar situações piores é preciso mobilizar os camponeses dando-lhes explicação sobre o mal das queimadas, e pôr à sua disposição, técnicas do

desenvolvimento rural. Devem ser plantadas árvores em substituição das que já foram queimadas para impedir o avanço do deserto que é muito prejudicial.

SENSIBILIZAÇÃO DOS CAMPONESES

Carrington Cá, funcionário da JAAC — «O método mais adequado para acabar com as queimadas é mobilizar a massa camponesa, sensibilizando-a para esse mesmo perigo. Esta tarefa não só cabe ao Desenvolvimento Rural mas sim a todas os militantes do nosso Partido. Eles devem mostrar aos cam-

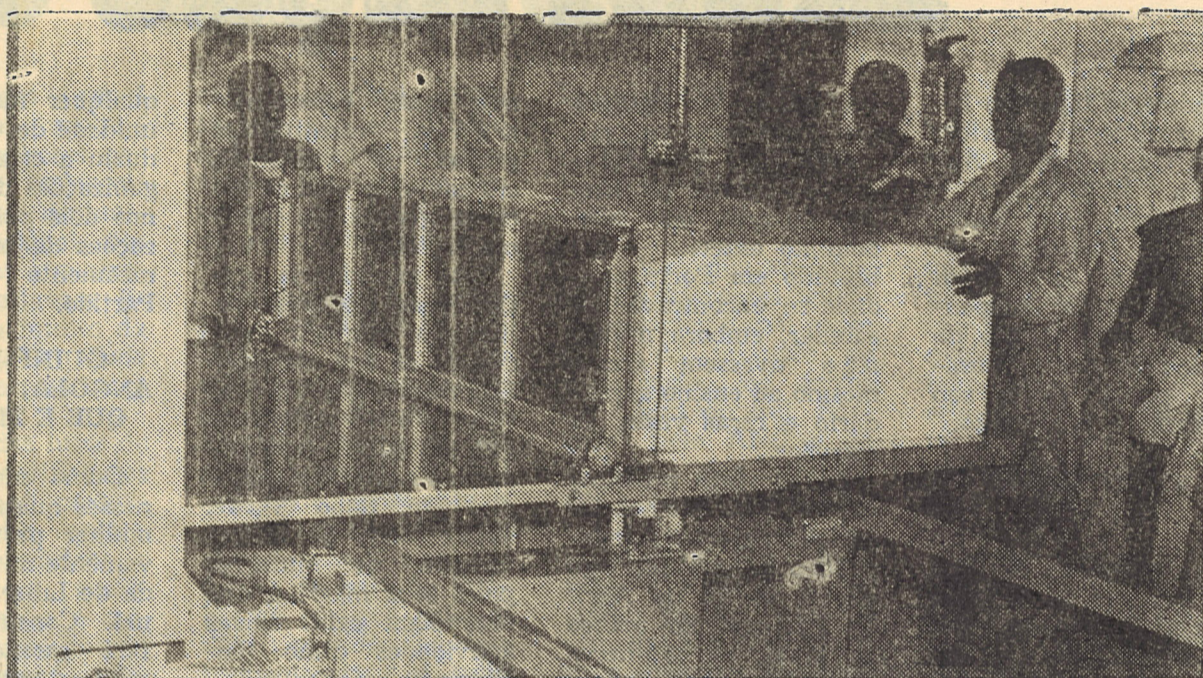
poneses o prejuízo das queimadas e a experiência da revolução agrária de outros países. Também deve-se tomar medidas severas contra aqueles que ateam fogo nas florestas. Mostrar-lhes qual a consequência das queimadas. Há pessoas que põem fogo, sem noção de responsabilidade.

Devemos fazer tudo para evitarmos esta situação porque as queimadas eliminam os microorganismos e destroem a flora. Se não há floresta e erosão do terreno como é que pode haver chuva? E também sem os microorganismos como é que podemos ter um solo rico?

Fábrica de Espuma retoma produção

A Fábrica de Espuma Pansau Na Isna retomará este mês a produção de colchões após ter recebido matéria prima proveniente de Portugal no Navio Motor «Manica», que escalou o nosso porto no passado dia 12 do corrente.

Esta unidade fabril recebeu 280 tambores de caradol, 140 de caradote e 6 baldes de pigmentos de coloração, que dá para a produção num período de três meses. Segundo estimativas com esta quantidade de produto a fábrica poderá fazer oito mil colchões. Por outro lado, saliente-se que cinco mil serão canalidos para as nossas Forças Armadas restando somente



três mil para a venda pública.

Esta aquisição foi feita através de uma linha de crédito concedida pelo Governo

português no valor de 5 848 199 pesos. Por esta razão os preços de venda sofrerão alterações razoáveis, segundo o director.

Recorde-se que a

última importação das matérias primas fora feita em Agosto de 1981 depois da qual a fábrica viu-se obrigada a paralisar a produção. A capacidade

de produção anual desta empresa é de 40 mil colchões o que significa que a importação das matérias primas seja no valor de 24 600 000,00 pesos,

Cinema

A Cine-UDIB, apresenta para Matinée o filme «O Aventureiro», para M/13 anos, e para soirée o filme «A Virgem O Touro e o Capricórnio», para M/13 anos.

No Cine-Ajuda, está a ser exibido o filme «Loulou», para M/13 anos em Matinée e Soirée.

Farmácias

Hoje — Farmedi n.º 1 — Rua Guerra Mendes, telefone 21 55 15.

Amanhã — Farmácia Moderna — Rua 12 de Setembro, telefone 21 27 02.

Segunda-Feira — Farmácia dr. João Soares da Gama — Bairro de Belém, telef. 21 34 73.

Terça-Feira — Farmácia Higiene — Rua António M'Baná, telefone 21 25 20.

Guinémar

A Guinémar avisa que tem a sua saída marcada para hoje, Sábado, 17 de Setembro, com destino a Bolama pelas 6 horas. Os passageiros devem embarcar uma hora antes.

Ainda se avisa que a saída para Bubaque é às 13 horas — **Fim-de-Semana.**

Terça-feira, 20 de Setembro, carreira normal com destino a Cacine e Catió pelas 9 horas.

Pedido de correspondência

Paulino Manuel Maria, de 22 anos de idade, argolano de nacionalidade, e estudante — trabalhador, deseja corresponder com jovens guineense para troca de postais, revistas, fotos, jornais e outros.

Os interessados podem escrever para Paulino Manuel Maria, Caixa Postal n.º 102 — Malanje, República Popular de Angola.

Problemas dos marítimos analisados em reunião

Organizada pelos Serviços Nacionais de Marinha, teve lugar no dia 14 do mês em curso, na Sede do Comité 3 de Agosto uma reunião dos marítimos, presidida pelo camarada Mateus Correia, Director Interino dos Serviços de Marinha, tendo participado os proprietários, mestres, primeiros motoristas e contra-mestres, além dos camaradas Carlos Spencer, Capitão dos Portos e José Crisdai Gomes, Director dos Portos.

A reunião teve como ordem de trabalhos, a apresentação de um memorando sobre a divulgação da Regulamentação Marítima, discussão

da obrigatoriedade do seu cumprimento e outras questões que se prendem com esta área de actividade.

Na abertura do encontro, Carlos Spencer disse que «o objectivo desta reunião é resolver alguns problemas que afligem os marítimos, devido às dificuldades que o sector da marinha atravessa».

«É importante uma reunião deste género a fim de se poder colocar questões que se prendem com a vida de cada trabalhador» — salientou ainda Carlos Spencer.

Em seguida, falou o camarada Mateus Correia que se referiu sobre

a importância da reunião. Segundo ele, a Capitania dos Portos da Guiné é a mais antiga que os colonialistas construíram em todas as suas colónias, pelo que de uma forma ou doutra já acumulou experiências que devem ser aproveitadas.

Mateus Correia afirmou igualmente que «a Capitania dos Portos de Bissau é a responsável de todos os portos do país e embarcações, e da segurança dos seus trabalhadores. É um Departamento do Estado que existe para melhorar a vida dos marítimos na Guiné-Bissau».

Exortou também os trabalhadores no sentido

de maior controle no embarque dos passageiros para o interior do país, porque, às vezes, um único bilhete de passagem, é utilizado por várias pessoas.

A importância da iluminação dos barcos, o que pode evitar muitos acidentes, assim como a necessidade de os dotar de medicamentos e botes de salvação, mereceram atenção especial de Mateus Correia que precisou que «os barcos de seis em seis meses devem ser encostados para verificações e pintura, porque é indispensável uma manutenção constante».

Fernando Conduz: Temos dura luta a empreender

O Nô Praça entrevistou e ouviu o camarada Fernando Conduz, estudante, que a certa altura da nossa conversa defendeu que nós os africanos temos uma luta sem precedentes a empreender, principalmente nesta fase conturbada do nosso planeta.

Falando ainda sobre o conflito no Tchad, Fernando Conduz precisou que é um problema bastante delicado quer ao

nível africano quer mundial.

Como materializar os grandes objectivos da OUA?

— Tenho a destacar que nós os africanos temos um grande vazio a preencher no que respecta à manutenção da nossa personalidade de acordo com o processo da nossa história. Temos por isso uma luta dura a empreender, principalmente nesta fase de grandes con-

turbações no nosso planeta, cujos reflexos incidem particularmente em África.

Devemos também saber manejar de forma clara e objectiva a nossa política externa. Portanto só com a concretização desses princípios é que o nosso continente poderá vencer certos obstáculos.

Que repercussões vai ter na história da nossa juventude o 1.º

Congresso da JAAC?

— A JAAC como vanguarda da nossa juventude tem que desempenhar um papel de relevo na consciencialização dos futuros responsáveis desta terra. Por isso tem que estar imbuído de uma certa responsabilidade.

No Congresso foram discutidos vários problemas que se relacionam com o futuro da organização, o que permitiu focar os

pontos fracos e fortes da JAAC com vista a melhorar o seu trabalho no seio da juventude.

Como controlar a nossa economia?

— Para mim os comités do Partido nos locais de trabalho devem alargar mais as suas actividades de carácter político. Não basta que o Governo decreta a política de austeridade, é preciso que as estruturas de

base do Partido ajudem e colaborem no controle.

Como vê o conflito no Tchad?

— O problema do Tchad poderá contribuir para o agravamento da tensão internacional. Para a África representa um problema bastante delicado, atendendo à luta que desenrolamos para sair da situação económica e social difícil que enfrentamos.

Libertação e emancipação

A reunião de peritos da Unesco incidiu os seus trabalhos essencialmente em dois pontos fundamentais: a contribuição da mulher africana nas lutas de libertação, e os seus problemas e avanços face à reconstrução dos novos países independentes do nosso continente, baseados nas diferentes experiências e relatos das participantes a esta conferência.

Constaram três tipos de experiência, a sublinhar: a de Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe, onde não se desenvolveram Lutas Armadas mas sim, luta política e

clandestina tanto no interior como no exterior; a da Guiné-Bissau, Angola, Moçambique e Zimbabwé, onde houve lutas de libertação nacional que conduziram esses países à independência nacional, e a da África do Sul e Namíbia, países ainda sob opressão e dominação.

CABO VERDE E S. TOMÉ

As mulheres de Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe participaram fundamentalmente na luta clandestina, sobressaindo as que possuíam uma certa formação

académica, e algumas por consciência própria.

Essa luta processou-se não apenas no interior do país, mas também no exterior — sobretudo em Portugal — onde se encontravam a estudar, embora muitas não tivessem acesso mesmo ao ensino secundário e raras vezes, ao superior.

O momento principal da sua luta situa-se no período anterior à independência nacional, logo depois ao 25 de Abril em Portugal. Em ambos os casos, as mulheres saíram à rua exigindo a independência dos seus países. Quer espontâ-

nea, quer conscientemente, constituíram grupos de vigilância, em conjunto com os homens, grupos de informação, etc.

Esta experiência prática levou algumas mulheres a adquirir consciência da sua opressão. Entretanto, não foi contudo sem resistência que se realizou essa luta de tipo novo. Por exemplo, em Cabo Verde, houve cenas de espancamento de mulheres pelos seus maridos, que entendiam estas novas actividades como tendência para «boa vida», relataram as delegadas de Cabo Verde. De

qualquer maneira, esta unidade de acção conduziu à criação de organizações de mulheres nos dois países, organizações de massas organicamente ligadas ao Partido.

GUINÉ-BISSAU, ANGOLA, MOÇAMBIQUE E ZIMBABWÉ

Duma maneira geral nesses quatro países, a mulher participou activamente na Luta Armada de Libertação Nacional. Constatou-se que foi essencialmente a mulher camponesa que aderiu à luta, sobretudo aquelas que viviam nas

zonas rurais abrangidas pela luta armada. Há, no entanto, casos de mulheres oriundas da pequena burguesia que por diversas razões aderiram à luta, identificando-se com os seus ideais.

Constatou-se também que a participação da mulher na luta ia contra todos os cânones estabelecidos. Isso significava que ela tinha que lutar com bastante coragem contra os padrões da sociedade tradicional que a relegava para as tarefas domésticas, produtora, fonte de satisfação sexual. A questão da parti-

Vozes da luta

Um momento particularmente vivo e elucidativo da conferência, foi preenchida pelos testemunhos orais de algumas mulheres que participaram nas várias frentes de combate na luta armada de libertação nacional na Guiné-Bissau.

Estas mulheres, oriundas das várias regiões do país contaram a sua experiência e as situações vividas no grande combate contra os colonialistas, para a libertação da nossa Pátria.

Tcherna N'Djaqui — Lutou na tabanca de Maqué (Frente Norte), foi responsável de abastecimento no Comité do Partido dessa zona, actualmente é comissária política da secção de Maqué, no sector de Bissorá, região de Oio.

«Sou balanta, o meu pai é lavrador e a minha mãe é doméstica. O meu pai trabalhava como guarda de um colono e tudo que produzia era entregue ao patrão, inclusive os animais. Depois, recebia o dinheiro para pagar o imposto. A

minha mãe, não tinha roupa para vestir os filhos e ela mesma andava de corpo nú, ostentando seios prematuramente flácidos o que caracterizava o grau e tipo de exploração colonialista.

Éramos exploradas na

venda da mancarra e arroz. Vestíamos muito mal, apenas tanga. Quando completei os 12 anos de idade, comecei a trabalhar na construção de estradas, carregando pedras. Foi nesse trabalho que encontrei combatentes, chefiados pelo camarada Osvaldo Vieira, que me mobilizou para a luta.

«Na luta, fazíamos tudo o que fosse necessário, para apoiar os combatentes: comida, lavar roupas, transporte de materiais, isto tudo ante a ameaça constante do perigo. O mato era perigoso: além dos soldados colonialistas havia muitos animais ferozes mas, nós, não olhávamos a nada disso, porque sabíamos que trabalhávamos para os combatentes».

Satú Camará — Lutou na Frente Sul, em Cubissec, e na Frente Leste, em Madina de Boé. Foi deputada da ANP. Actualmente é membro suplente do CC do P.A.I. G. C. do Comité Executivo da UDEMU e Presidente da Comissão da Verificação e Controlo.

«Sou filha de camponeses. O meu pai foi preso pelos colonialistas e amarrado completamente nú, facto que me revoltou e constituiu o motivo da minha ida para a luta.

Na luta, enfrentei várias dificuldades, inclusive abusos de responsáveis, que viriam a acabar com a intervenção do camarada Amílcar Cabral. Ocupei funções de enfermeira nos hospitais

e ainda ocupava-me de tarefas de defesa como milícia».

Salé Bangurá — Lutou em Cubucaré, Frente Sul. Actualmente é deputada da ANP e membro do Comité do Partido na secção de Cubucaré e do Comité de sector da UDEMU.

«A minha família é camponesa, de origem susso e serraleonesa. O colonialismo impôs-nos várias dificuldades e humilhações. Fomos espancadas pelos colonos e praticávamos a lavoura sem nada receber em troca. Quando a luta começou, fui mobilizada por alguns camaradas. Nela participei em actividades de apoio aos guerrilheiros, que se encontravam na frente de combate. Esta colaboração era de abastecimento às bases».

Satú Djassi — Lutou em Gã-Pará, Frente Sul. Actualmente, é Comissária política no Hospital «Simão Mendes» em Bissau, e é membro do Conselho Nacional da UDEMU.

«Sou filha de camponeses. Nasci em Quínara. «Havia hortas nos postos de administração colonial, onde nós, as raparigas, éramos obrigadas a levar a nossa comida, o que nem sempre era possível. Às vezes ficávamos com fome. Nessa caminhada, éramos acompanhadas pelos «cipaios», que abusavam de nós e, muitas vezes, o chefe de posto solicitava uma de nós para com ele dormir, como se fôssemos animais ou objectos quaisquer.



Realizou-se em B principal «História da cades na reconstrução camarada Francisca P participação de quadros f Zimbabwé, Zâmbia, L

As mulheres alépendentes, examinara nacional e analisaram nismo das Nações Uni

Constataram a neste domínio e a nível dem permitir o avanço

No que respeita à da História da Rainha

Esta reunião, seg des de cada um dos p

No que respeita a que a mulher não tem países. Viram igualm é completa. Há, no er tivos das sociedades t bertação da mulher e

Na sua intervenç «não concebemos liba vez ma's consciência a discriminação e exp mos daqui ma's capaz das nossas mulheres e

Participação da mulher

participação da mulher na luta foi preocupação inicial dos vários movimentos de libertação, mas não foi de modo nenhum, um processo linear. Ela mereceu a atenção de dirigentes mais esclarecidos, mas outros não a aceitaram pelo menos no princípio. Houve falta de consideração de alguns combatentes para com as mulheres que, com toda a sua dedicação participavam nos vários sectores da luta.

Assistia-se por outro lado, desde o início da luta, à criação de organizações femininas que

desempenharam papel importante na mobilização das mulheres para a luta e esclarecimento junto da comunidade internacional dos objectivos das organizações a que estavam ligadas, com o intuito de angariar toda a ajuda possível e necessária.

Ao longo das lutas de libertação, verificou-se que a mulher participou em várias frentes, tais como produtora e mãe, educadora, socorrista, enfermeira e médica, miliciana, guerrilheira, segurança, telegrafista na frente de informação, como jor-

nalista, locutora, escriturária, etc. etc. Houve inclusive casos de mulheres que tiveram um papel decisivo nas zonas de avanço militar.

Entretanto, em Angola e Moçambique, as mulheres e o povo em geral enfrentam ainda a segunda guerra de libertação na qual ela participa agora de forma mais consciente e determinada, quer na retaguarda, quer na frente. No caso do Zimbábue em que existem vários partidos, há uma particularidade a realçar: a questão da existência de várias orga-

nizações femininas.

ÁFRICA DO SUL E NAMÍBIA

Se bem que em momentos diferentes devido às características específicas do processo de colonização, os povos da África do Sul, liderados pelo ANC e da Namíbia, pela SWAPO, desencadearam a sua luta de libertação que dura até hoje. Ela é mais longa e prolongada na África do Sul mas há semelhanças na tradição da resistência no geral e em particular no caso da mulher.

Nesses países, a resistência feminina caracterizou-se em marchas de protestos, greves, petições junto das instâncias governamentais o que se traduzia muitas vezes no espancamento e prisões em massa. Entretanto, o início da luta armada cria condições diferentes e mais favoráveis ao enquadramento da mulher.

Depois de analisarem este ponto sobre a participação da mulher na luta de libertação nacional, chegaram à conclusão que o denominador comum em todas as ex-

periências é o seguinte: «apesar do grande esforço realizado para que as mulheres participassem nas várias frentes de combate, apesar das inúmeras manifestações de coragem, apesar do engajamento total no combate pela sua libertação e pela libertação da sua terra, o parecer patenteado foi que a mulher nunca teve cargos de responsabilidade a nível dos grandes centros de decisão política e ideológica das organizações. Esta situação vai ter as suas repercussões na sua contribuição nas tarefas da reconstrução nacional.



Participar na construção da liberdade

de 3 a 7 de Setembro, deste ano, uma reunião de peritos da UNESCO sob tema «Contribuição das mulheres nas lutas de libertação nacional, seu papel e suas necessidades independentes de África». Esta conferência que foi presidida pelo membro do CC do PAIGC e Secretária-Geral da UDEMU, contou com a participação de representantes do nosso país, de Cabo Verde, Moçambique, Angola, S. Tomé e Príncipe, Etiópia e de técnicos da UNESCO.

Terão debruçado sobre aspectos da luta de libertação dos países recém-independentes que entravam a participação mais activa das mulheres na reconstrução dos sectores (de cada país) que são ou podem vir a ser financiados por aquele orga-

nismo de se preparar elementos no domínio da pesquisa, a fim de criar centros de estudo nacional, com a finalidade de fazer levantamentos e estudos dos sectores que preocupam a mulher pela sua emancipação.

Em Bissau, entre outras ajudas, a UNESCO poderá financiar o estudo e pesquisa que, até ao momento, tem criado uma certa polémica.

A participação, foi bastante positiva porque, permitiu analisar as especificidades dos problemas de reconstrução nacional, os movimentos de libertação em África, ainda em luta. Foi também de reconstrução nacional, os peritos da UNESCO chegaram à conclusão da importância na prática o apoio que lhe é dado pelos partidos nos seus respectivos países. A participação da mulher na luta pelo progresso das suas pátrias ainda não é a necessária de se ultrapassar certos entraves, nomeadamente factores negativos, sensibilizar certos homens que ainda não entendem bem o processo de libertação das mulheres que continuam a deturpar a ideia da emancipação.

Durante os trabalhos da conferência, a camarada Francisca Pereira frisaria que o papel das mulheres, sem a emancipação da mulher, e o mundo vem ganhando cada vez mais. Mas por outro lado, existem forças retrógradas que lutam para prolongar a opressão da mulher. Este seminário terá, para nós, o sabor de uma vitória pois, sairemos a reforçar as nossas mulheres para o reforço da nossa luta. Luta pela emancipação das mulheres e também por uma real emancipação dos nossos povos».



Terminou o período único de trabalho na Função Pública Evidenciada a fraca rentabilidade do horário

Durante 30 dias, a contar de 15 de Agosto a 15 de Setembro, os trabalhadores do país, excepto os das empresas comerciais e privadas, utilizaram um período único de trabalho, que ia das 7 às 15 horas, com um intervalo de meia hora.

Assim, o nosso repórter contactou alguns directores de empresas que nos disseram que o horário de período único não era rentável e alguns trabalhadores que também deram a sua opinião, que é menos favorável.

Para o camarada Viriato Cassamá, Director dos Transportes dos Armazéns do Povo, esse horário não convinha à empresa na medida em que a maioria dos empregados continuava a trabalhar no antigo horário. Só o sector admi-

nistrativo, que segundo aquele camarada, é o pulmão da empresa, trabalhava no novo horário. Mesmo assim, não havia grande rentabilidade porque, ficavam problemas urgentes para resolver à tarde mas que eram deixados para o dia seguinte porque os trabalhadores neste período não trabalhavam.

O camarada Viriato Cassamá, que desempenha as funções de Director-Geral dos Armazéns do Povo na ausência desta, afirmou que, se com o horário de dois períodos não se fazia nada, agora muito menos. Se o corpo da inspecção não trabalha no segundo período, os trabalhadores podem abandonar a vontade, então não há logo pontualidade, assiduidade nem rentabilidade na produ-

ção da empresa nesse período.

Por outro lado, o camarada Cassamá, acha que é muito cedo avançar com esse novo horário, porque se consideramos que se pretende rentabilidade económica para o Estado, acontece o contrário no domínio da produção, pois que sem cantina para o pessoal, depois do intervalo, a produção é nula.

O camarada Tomás Lopes da Costa, director da Guinegaz, indica que o novo horário é prejudicial para a empresa e tem vários aspectos negativos no que respeita à produtividade. A fome, e a falta de géneros alimentícios não contribuem no aumento da produção porque, segundo Lopes da Costa, não faz sentido uma pessoa trabalhar duran-

te sete horas e meia, às vezes, sem comer e continuar a produzir a cem por cento, pois não existe cantina no local de serviço.

O director da Guinegaz disse que na secretaria, os serviços administrativos têm acumulado trabalho porque, segundo ele, ainda existem cidadãos inconscientes no sentido profissional para saberem aquilo que o país espera deles.

Entretanto, para o camarada Armando Soares da Gama, Director Comercial da empresa Estrela-de-Mar, esse horário não permitia a satisfação das necessidades do público a cem por cento, na medida em que foram reduzidas as horas de recepção e distribuição das requisições e dos pescados, pelo que o considera desaconse-

lhável. Indica igualmente que, mesmo com o período único, fazem o seu serviço normal, de 24 horas ou até para além de 24 horas, especialmente nos momentos em que há navios a descarregar.

Ao referir-se à rentabilidade da empresa durante esse período, o camarada Soares da Gama, informou-nos que se manteve embora o serviço burocrático tivesse sido o mais prejudicado pois fica sempre trabalho acumulado, por vezes por falta de tempo.

Mamadú Baldé, funcionário dos Armazéns do Povo afirma que:

«Quanto a mim, na minha maneira de ver, acho que o único período de trabalho é bastante bom, isto porque permite que um indivíduo

faça o que lhe apetece no período da tarde. No único período de trabalho, a gente entrava às 7,00H e saía às 15,00H o que permite um longo tempo de descanso. No início realmente era muito cansativo porque estávamos no início mas depois foi fácil habituar-nos». Ainda a este respeito, diz que «suponhamos que um indivíduo mora longe, iniciando de novo os dois períodos, sente diferenças na medida em que já estava habituado ao único período de trabalho. Além disso, se essa pessoa regressar a casa e não encontrar o almoço pronto, é evidente que é obrigada a faltar o segundo período. Pode-se dizer no entanto que com a falta desse indivíduo perdeu-se uma pequena parte da produção».

Desporto

Entre os dias 24 e 1 Torneio de futebol em homenagem a Bracia

Um dos grandes ausentes na época que se avizinha, dá-se pelo nome de António da Silva, vulgarmente conhecido por Bracia.

Prosseguir os estudos no domínio da silvicultura, em Portugal, é o único motivo que leva o titularíssimo do Benfica e da selecção nacional, a afastar-se dos campos nacionais de futebol. Um afastamento, a priori, definitivo, que Bracia propõe assinalar de forma marcante. Quer dizer, fazer adeus jogando... Por isso, programa um torneio que também funcionará como homenagem aos onze anos que serviu o desporto nacional. A Federação de Futebol da Guiné-Bissau já deu luz verde, autorizando a sua efectivação no estádio Lino Correia, entre os dias 24 do mês em curso e 1 de Outubro.

Entretanto, para colmatar as ausências forçadas das equipas federadas nesta festa de despedida, devido ao período de defeso que ainda se vive no país, Bracia optou pelos melhores «actores» de momento, de forma a proporcionar não só um melhor espectáculo aos amantes do desporto-rei,

mas também a oportunidade de verem em acção os novos Ciros, Gomes, Biris, Vieiras, etc., etc. Assim, serão participantes nessa gala, as selecções dos Bairros de: Bissau-Novo, Péfina, Bandim-2 e Bairro-de-Ajuda; uma equipa formada pelos antigos atletas do Ajuda Sport; selecções femininas dos Bairros de Pilum de Baixo e Bandim-1.

O TEMPO ENSINOU-ME A ESTAR NO DESPORTO

Uma análise, ainda que superficial, sobre a carreira de Bracia só pode conduzir-nos a uma conclusão: ele foi, nos últimos anos, um gigante, um dos melhores guardiões que o país conheceu. Disso parece ninguém ter dúvidas. Como era o jogador Bracia no campo disciplinar e como interpretava o desporto, são questões onde poderão residir as dúvidas. Por isso as colocámos a Bracia que de pronto nos esclareceu, dizendo:

«Olhe, em onze anos de actividade apenas me deixei dominar pelos nervos em dois jogos, quando representava a UDIB. Respondi com

violência entradas à margem das leis dos então atletas do Sporting e Ténis Clube, respectivamente, Fodé e Nuno Xavier, atitudes impensadas que me valeram quatro jogos de suspensão cada.

Reconheço que sou um jogador temperamental, mas os tempos em que os golpes de mão dos adversários me tiravam discernimento e deixavam-me pior do que estragado, já lá vão. Aprendi com o tempo a interpretar melhor o fenómeno futebolístico e consequentemente, a forma de me integrar sem atropelar as suas leis. Já não me



tiram sono os resultados adversos e muito menos morro de alegria quando esses me são favoráveis».

O tempo ensinou, igualmente, a Bracia, acatar as decisões do árbitro, «porque é ele — explicou — a autoridade máxima durante uma

competição, embora reconheça que há momentos em que meajo negativamente».

Quanto à mudança operada recentemente no comando do desporto nacional, o nosso interlocutor considerou ser muito cedo opinar-se sobre o novo homem

forte da Secretaria de Estado da Juventude e Desportos. Isto porque, há bem pouco tempo, pensava «agora é que tudo vai marchar bem, agora é que vamos ter um desporto a sério. Mas...».

Bracia adiantaria no entanto que é preciso que se faça, primeiro, um balanço sobre a última gestão de forma a melhorar. Depois disso, trabalhar no sentido de uma melhor arrumação. «Para o efeito, é importante aproveitar no máximo os meios que são postos à nossa disposição; recrutar dentro das disponibilidades financeiras, quadros capazes, sérios e com vontade de trabalhar como funcionários em tempo inteiro na SEJD; contar com a colaboração desinteressada de todos aqueles que dominam o fenómeno desportivo e que estejam em condições de a darem» — concluiu Bracia.

Anúncios

ANÚNCIO DE CONCURSO

República da Guiné-Bissau — Ministério das Obras Públicas, Construção e Urbanismo — Direcção-Geral de Construção — CP 14 Bissau
Telefone 21 23 70

CONSTRUÇÃO DE 54 MORADIAS NO BAIRRO INTERNACIONAL

Aviso de concurso de

Empreitada Internacional

A) OBJECTO

O Estado da República da Guiné-Bissau beneficia de um crédito do Governo holandês, para a construção de 54 moradias no Bairro Internacional em Bissau, pelo que lança este concurso de empreitada.

B) ELEGIBILIDADE

O presente concurso é aberto a todas as empresas nacionais e estrangeiras que operam no País. As empresas nacionais têm contudo

uma margem de preferência de 20% sobre o montante global.

C) CONSULTAÇÃO E AQUISIÇÃO DO PROCESSO

O processo do concurso poderá ser adquirido contra o pagamento de 7 500 00 pesos, a partir do dia do aparecimento deste aviso, no Gabinete de Estudos e Planificação do M.O.P.C.U., todos os dias úteis durante as horas do expediente, das 7 às 15 horas e inclusiv

sábado, das 7 às 11 horas. Neste processo estão explicadas todas as condições do concurso.

D) ENTREGA E ABERTURA DAS PROPOSTAS

O prazo de entrega das propostas para o concurso, expirará no dia 31 de Outubro de 1983, às 15 horas. A abertura das propostas terá lugar no dia 1 de Novembro de 1983, às 10 horas na sala de reunião do M.O.P.C.U.

Nicarágua no Conselho de Segurança

O Conselho de Segurança das Nações Unidas reuniu-se na terça-feira passada a pedido da Nicarágua, para analisar a nova escalada de agressões contra o território nicaraguense por parte de forças mercenárias e contra-revolucionárias.

O Conselho recebeu notas de protesto das missões de Nicaragua e das Honduras acusando-se mutuamente de violações territoriais.

Na sua carta o embaixador hondurenho junto da ONU, Roberto Herrera Caceres, menciona o sequestro de um pescador, no Golfo de Fonseca, por uma patrulha sancinista, a 2 de Setembro e roubo de 135 cabeças de gado e 40 cavalos de uma quinta próxima da localidade fronteiriça de El Triunfo por soldados nicaraguenses.

O embaixador da Nicarágua, Victor Hugo Tinoco, refere na sua nota o ataque aéreo cometido por dois aviões «T-28» provenientes das Honduras, que bombardearam vários objectivos no porto de Corinto.

Os dois aviões foram repelidos pela defesa aérea que alvejou um deles sem contudo o abater.

Tinoco enviou na segunda-feira um pedido de convocatória ao presidente do Conselho de Segurança.

Tchad: OUA pretende enviar força de paz

Uma das hipóteses pretendidas pela ONU, para resolver pacificamente o problema tchadiano é o envio para o Tchad de uma força panafricana de «manutenção da paz», que poderia ser financiada pela França e a Líbia, soube-se na passada terça-feira de fonte diplomática africana em Libreville.

Segundo esta fonte, a França e a Líbia teriam aceite tudo fazer para favorecer uma negociação directa entre o Chefe de Estado tchadiano, Hissene Habre e o seu adversário, o presidente do «GUNT» (governo de União Nacional de Transição) Goukouni Weddeye.

A OUA desejaria, igualmente, que a relativa calma que hoje reina no Tchad se transforme num cessar-fogo permanente, indica-se ainda da mesma fonte. A Organização Panafricana tem, por outro lado, exercido pressão sobre Hissene Habre e Goukouni Weddeye para que respeitem a linha de demarcação que separa actualmente as tropas governamentais e francesas, das forças do GUNT, precisa essa mesma fonte.

A OUA teria, por outro lado, a intenção de enviar para o Tchad um grupo de observadores, que

teria como tarefa seguir a evolução da situação militar e de controlar o cessar-fogo pelos diversos partidos.

Todas estas disposições destinadas ao restabelecimento da paz no Tchad, estão no centro das consultas que prossegue a OUA com a participação da França, Líbia, Hissene Habre e Goukouni Weddeye, afirma-se em Libreville. Todavia, nada indica ainda que essas medidas tenham chance de aplicação a curto termo.

Uma delegação da OUA, conduzida pelo Secretário-Geral interino da organização, Peter Onu, dirigiu-se recentemente a Paris, Argel e Trípoli para tentar obter harmonização das posições dessas três capitais sobre a crise tchadiana.

Enquanto isto, o Presidente do Gabão, Omar Bongo, convocou para 8 de Setembro o Comité «Ad Hoc» OUA, sobre o diferendo Tchad-Líbia, que ele preside após a sua criação em 1977.

No seguimento duma intervenção da ONU junto às autoridades de Libreville, o Gabão decidiu transferir esta reunião para um momento mais oportuno, a fim de não afectar as delicadas diligências diplomáticas, empreendidas no quadro da OUA.

Israel: Coligação no poder assina novo acordo

O acordo concluído entre os partidos da coligação no poder, fará do próximo governo israelita um gabinete de continuidade, «reflectindo exactamente a distribuição das forças existentes no governo actual bem como a linha política traçada por Begin» — declarou na passada segunda-feira, Yitzhak Shamir, primeiro-ministro designado, à televisão, alguns minutos após a assinatura deste acordo.

O acordo permite a Shamir constituir um governo no mais breve espaço de tempo, desde a entrega da demissão oficial de Begin, feita na quinta-feira.

No entanto, Shamir não deu seguranças formais a seus parceiros quanto à próxima repartição das pastas e in-

dicou à televisão que poderia haver eventuais mudanças.

Shamir havia afirmado com efeito que se o Presidente o designasse, que proporia aos trabalhistas um gabinete de União nacional, o que significa em caso de resposta positiva destas, que lhe seria confiado numerosos ministérios, uma vez que são numericamente (50 lugares), a formação mais importante no parlamento.

Todavia, parece pouco possível que os trabalhistas aceitem entrar num gabinete presidido por Shamir. O Secretário Geral deste partido, Hayim Barlev, declarou na passada terça-feira de manhã, que continuava a pretender, que após a demissão de Begin, o presidente Herzog confie em primeiro lugar a Shimon Peres a responsabilidade de formar uma nova coligação.

Comentando o acordo assinado na passada se-

gunda-feira, entre os partidários da coligação dirigida pela Likoud para a formação de um gabinete de continuidade sob a direcção de Shamir, Barlev lamentou que os pequenos partidos associados a Likoud «tenham falhado o alvo na ocasião histórica que lhes foi dada pela demissão de Begin para mudar de campo e contribuir deste modo para efectuar uma nova mudança na política e na economia nacional».

Problemas de transportes na Nigéria

O crescimento impetuoso da população urbana na Nigéria, sobretudo em Lagos, capital do país, transformou o problema dos transportes num imperativo. As pessoas empreendem medidas decididas para a sua solução. Uma das maneiras de aliviar as vias de transporte de

Lagos é a abertura de rotas fluviais. Entre as partes insular e continental da cidade, que são as mais saturadas nas horas de ponta foram iniciadas as carreiras de barcos de passageiros.

Foi aprovado um projecto de construção de

uma linha férrea subterrânea de 30 quilómetros, que se estenderá do centro de Lagos aos seus subúrbios.

Em 1986, quando esta linha entrar em funcionamento, os comboios eléctricos transportarão diariamente até um milhão de passageiros

Libano pede retirada de tropas estrangeiras

Ghassan Tuani, embaixador extraordinário do Líbano, pediu, na passada segunda-feira, ao Conselho de Segurança da ONU, para apelar ao cessar-fogo imediato às forças em conflito no Líbano e pedir a retirada imediata de todas as tropas estrangeiras estacionadas ilegalmente neste país.

Num projecto de resolução, o Líbano pede igualmente uma redistribuição na zona de combate — o Chuf (montanha libanesa) — dos contingentes da força interina da ONU, no Líbano.

No seu discurso, o representante especial do Líbano sublinhou que a sobrevivência do seu país é a verdadeira vitória dos combates que aí se desenrolam actualmente. «É que o Líbano sobreviverá, e deve ser-lhe permitido sobreviver, é a questão» — disse ele. Entretanto,

acrescentou: «o povo libanês pretende responder por um sim solene e categórico».

Segundo fontes diplomáticas libanesas, é possível que o embaixador do Líbano na ONU, Rachid Fakhouri, peça ao Conselho a presença de um observador das Nações Unidas em Chouf.

Na carta que endereçou na passada sexta-feira ao Presidente do Conselho de Segurança, para pedir a convocação do Conselho, Rachid Fakhouri faria notar que a situação no Líbano «não pode manter-se sem comprometer a paz e a segurança internacional e, mesmo ameaçar a sobrevivência de um estado membro da ONU, país independente, e ávido de paz, cujo povo está determinado a preservar a sua liberdade, soberania». «Concretamente, acrescentaria

o embaixador do Líbano, pedimos ao Conselho de Segurança para declarar um cessar-fogo e tomar todas as medidas que julgar possíveis e necessárias para se fazer respeitar, conforme as disposições da carta da ONU.

Contactos informais desenvolveram-se durante o fim-de-semana entre os representantes libaneses e vários países ocidentais. Por seu lado, o representante da Síria, na ONU, Dia Allah El Fattal, indicou na segunda-feira que não tinha sido consultado pelo seu homólogo libanês sobre esta questão junto do Conselho.

Entretanto, em Beirute, perto de 120 pessoas morreram na povoação de Al-Bireh, nas montanhas libanesas do Chuf, nas mãos de um grupo de milicianos drusos — informou na passada segunda-feira a rádio Beirute.

GREVE

BUENOS AIRES — O governador militar da província argentina de Córdoba ordenou na passada terça-feira, aos 15 mil polícias em greve desde o dia 8 que desistam da sua atitude e obedecem aos comandos. O prazo concedido aos polícias terminou no dia 13, terça-feira. Cerca de 15 mil agentes estão concentrados no «Comando Rádio-Eléctrico» da cidade de Córdoba e negam-se a sair à rua. Exigem o salário mínimo de 3200 pesos (280 dólares) e os seus representantes afirmaram que não voltariam ao trabalho antes de «terem sido satisfeitas as reivindicações salariais».

EUROMISSEIS

BONA — A base da oposição social-democrata alemã ocidental (SPD) voltou definitivamente as costas aos euromísseis, pensam os meios políticos depois do «não», sem reservas, do Congresso Regional de Bade - Wurtemberg, a qualquer espécie de estacionamento de Pershing-2 e mísseis de Cruzeiro na RFA.

A resolução da Federação de Bade-Wurtemberg, região onde deve ser colocada a maior quantidade dos novos foguetes nucleares da NATO, foi tomada no sábado em Offenburg (Sudoeste da RFA), menos de uma semana depois do começo da fase decisiva das negociações euro-estratégicas de Genebra.

MINEIROS

JOANESBURGO — Mais de 10 mil pessoas morreram nos últimos 10 anos, nas empresas da indústria mineira da África do Sul. Toda a responsabilidade por estas vítimas — indica a «Pana» — recai sobre monopólios do Estado do «Apartheid» que, desejando obter grandes lucros, se recusam a conceder verbas para garantia das normas elementares da protecção laboral nas minas, onde trabalham, principalmente, operários negros.

VISITA

LISBOA — O Presidente de Portugal, general Ramalho Eanes, partiu, na quarta-feira passada, para Washington em visita oficial, a convite do Presidente Reagan. É a primeira visita do Chefe do Estado português aos EUA. Durante a visita, segundo a imprensa, será analisado um vasto leque de questões relativas tanto às relações bilaterais como importantes problemas internacionais, incluindo a situação na África Austral.

CEDEAO: Criação de zona monetária em estudo

O projecto de criação de uma zona monetária Oeste-Africana, reagrupando os 16 estados da Comunidade Económica dos Estados da África do Oeste (CEDEAO), foi o objectivo duma reunião em Dakar dos governadores dos Bancos Centrais da CEDEAO.

A ideia da criação desta zona, havia sido lançada em Maio passado, aquando da última cimeira dos Chefes de estado da CEDEAO, em Conakry.

Quase como um meio de desenvolver as trocas entre os países membros da CEDEAO, a criação desta zona mo-

netária deveria pôr termo à disparidade actual das moedas: sobre os 16 países com efeito onze sinais monetários e diversos entraves.

Sobre a base de um documento elaborado pelo secretário executivo da CEDEAO, os governadores de Bancos Centrais irão estudar as implicações económicas, a pertinência e as condições viáveis para a criação duma zona monetária comum. O documento, propõe estudos sobre a gestão e as disposições institucionais para uma zona monetária, bem como sobre os estados membros da CEDEAO,

com vista a determinar a política e as medidas de ajustamento necessárias à sua adesão efectiva ao projecto de zona.

Enfim, o documento sugere, que um estudo de viabilidade seja levado a cabo sobre as diferentes soluções de recambio, visando realizar uma zona monetária e propõe o exame dos mecanismos de financiamento, nomeadamente, o papel e os poderes de um sistema de compensação numa zona monetária que tenha uma moeda única.

Os estados membros da CEDEAO, recorde-se, são: Benin, Cabo

Verde, Costa de Marfim, Gâmbia, Gana, Guiné-Conakry, Guiné-Bissau, Alto Volta, Libéria, Mali, Mauritânia, Níger, Nigéria, Senegal, Serra Leoa e Togo.

Dos dezasseis países, seis utilizam o franco CFA; Benin, Costa de Marfim, Alto Volta, Níger, Senegal e Togo.

Os dez outros dispõem da sua própria moeda: Mali (franco maliano garantido pela França) Guiné-Conakry (sili) Guiné-Bissau (peso) Cabo Verde (escudo), Gâmbia (dalasi), Mauritânia (ouguiya), Libéria (dólar), Serra Leoa (leone) Gana (cedi) e Nigéria (naira).

Questão da zona monetária

Sem sermos adeptos dos que vêem na política monetária a chave dos problemas que afectam o mundo e, particularmente, o nosso país, somos suficientemente realistas para compreendermos quão importante é para nós a problemática da moeda. A decorrer no Propégit, entre os governadores dos Bancos nacionais dos países da CEDEAO e que tem por objectivo estudar a possibilidade duma uniformização, ou melhor, da criação duma zona monetária única. O assunto é de suma importância para nós, que possuímos uma moeda independente, sem qualquer cobertura que não seja a nossa própria produção, o endividamento e a ajuda intermitente.

A CEDEAO compreende 16 países com cerca de 11 sinais de pagamento diferentes. Isto, só por si, é suficiente para demonstrar as dificuldades que se levantam ao processo de troca tão necessário aos países do SUL. Para complicar ainda mais, existem países (6) cujas moedas estão cobertas por uma zona muito (CFA) pertencentes à zona franco. A existência dessa zona cria uma série de perturbações na economia dos outros, na medida em que, a França permite uma importação praticamente sem limites desses países. Essa possibilidade dum abastecimento regular, não compatível com a produção da maior parte dessas nações, provoca um fluxo de matérias-primas dos países limítrofes da zona UMOA para esta última e origina um forte fenómeno especulativo.

A Guiné-Bissau é uma das maiores vítimas. Parte da nossa produção dirige-se para a zona franco, dado que o camponês, nosso produtor por excelência encontra aí aquilo que, dadas as nossas limitações, não podemos dar-lhe. Não só isso, como a própria importação, também se escoa em consequência da especulação monetária já referida. A não haver uma solução, estaremos a transformarmo-nos lentamente numa extensão do mercado senegalês, com todas as consequências nefastas que isso acarreta, tanto no plano económico como no político. A nossa intenção não é julgar os da zona franco da justa ou não de aí estarem. Unicamente, constatamos um facto que nos está sendo muito caro e do qual não visionamos uma saída. Por tudo isto, pode-se ver como é importante as resoluções a serem tomadas neste encontro.

A experiência ensina-nos que, até agora, as relações Sul/Sul não passam do imaginário. Isso justifica o nosso pessimismo.

Irão os 16 criar uma moeda comum? As barreiras são muitas a começar pela defesa da soberania tão cara aos recém-independentes. Haverá uma possibilidade de se criar mecanismos de compensação? Se sim, como compatibilizá-los com a existência da UMOA, dependente exclusivamente da França? Os homens do CFA estarão dispostos a abandonar o guarda-chuva francês? São questões que se nos levantam na modéstia dos nossos conhecimentos.

Aguardemos as resoluções, mas dum facto estamos certos: ou a situação se modifica ou o peso terá que encontrar o seu guarda-chuva.

Superação política

Teve lugar, na quarta-feira, no Secretariado de Partido, a abertura de mais um seminário de superação Política e Ideológica na Escola Nacional do Partido, destinado aos presidentes de Comités de zonas e Secções de Sector autónomo de Bissau, bem como representantes das F.A. R.P. e das Organizações de Massas nomeadamente a JAAC, UNTG e UDEMU.

Participam no referido seminário, que durará três meses, cerca de 80 militantes.

Os temas que serão debatidos durante o trabalho, relacionam-se com a Política Ideológica, realidade política e sócio-económica, problemas africanos e teoria marxista-leninista.

No acto de abertura, usou de palavra o camarada Francisco Mansoa, da Escola do Partido, que manifestou a preocupação do nosso Partido no âmbito da formação de quadros, para elevar o seu nível político e ideológico.

Presidiu a cerimónia o camarada Marcelino Moreira, membro do Comité Central do Partido e Secretário-Adjunto do Departamento de Organizações de Massas e outras organizações sociais do Comité Central.

Financiamento do porto de Bissau Arabia Saudita entra com 8 milhões de dólares

O financiamento do projecto do novo porto de Bissau e de mais quatro portos no interior do país ficou no termo concluído com a assinatura, no Ministério dos Transportes e Turismo, entre o nosso Governo e o Fundo Saudita de Desenvolvimento, dum acordo no valor de 8,35 milhões de dólares (cerca de 340 milhões de pesos), que será pago em 25 anos com juros de um por cento anual.

O acordo foi rubricado da parte guineense pelo Ministro dos Transportes e Turismo, camarada Manuel Santos e da parte saudita, Saleh Al-Hu-

maidan, director-geral do Departamento Técnico do Fundo Saudita de Desenvolvimento.

O projecto de reconstrução do porto de Bissau e a reestruturação dos portos fluviais de Binta, Caboxanque, Cachine e Cadique envolve uma soma no valor total de 50 milhões de dólares. Os outros cofinanciadores deste projecto são o Banco Mundial, através da sua agência IDA, Fundo de Koweit, Banco Árabe de Desenvolvimento de Estados Africanos (BADEA) e Organização de Países Produtores de Petróleo (OPEP).

O início das obras de construção do porto de Bissau está previsto para o mês de Janeiro de 1984. Deverá ser anunciado no mês de Outubro a empresa vencedora do concurso internacional de adjudicação das obras do novo porto. A abertura de propostas deste concurso foi realizada no passado mês de Julho, em Bissau, no qual concorreram apenas as sete empresas estrangeiras das 20 inicialmente previstas.

Apresentaram-se três empresas portuguesas, três francesas e uma inglesa.

Novos membros do Governo

O camarada Comandante de Brigada, João Bernardo Vieira, Secretário-Geral do PAIGC e Presidente do Conselho da Revolução assinou ontem um novo decreto que nomeia mais quatro camaradas para o Governo.

O decreto lido aos microfones da Radiodifusão Nacional no seu noticiário das 13, nomeia o

camarada Filinto Barros, do CC do Partido e antigo ministro da Informação e Cultura para a substituição do camarada Fidélis Cabral de Almada, suplente do BP do Partido, que foi nomeado em Agosto último ministro dos Negócios Estrangeiros e o camarada Alexandre Nunes Correia, do CC do Partido e nosso embaixador no Se-

negal para o ministro da Informação e Cultura.

Foram também nomeados Oliveira Sarca, suplente de Comité Central e ex-Secretário de Estado do Plano e Cooperação Internacional para a pasta de Secretário de Estado das Pescas e Bartolomeu Simões Pereira, para Secretário de Estado do Plano e Cooperação Internacional.

Aniversário do massacre de Sabra

Os participantes no comício realizado na quinta-feira passada, no acampamento palestiano de Yarmuk, nos arredores da capital da Síria, homenagearam com um minuto de silêncio a memória de vítimas do massacre de

Sabra e Chatila.

Participaram no comício personalidades destacadas do movimento de libertação nacional árabe, representantes de sindicatos e de organizações da juventude e das mulheres sírios e palestinos e combatentes

palestinos.

Os oradores estimaram os assassínios de vários milhares de pessoas, na sua maioria mulheres, crianças e velhos e reafirmaram a sua decisão de resistir ao sionismo e à reacção na região.

FICHA TÉCNICA — JORNAL «NÓ PINTCHA»: AV. DO BRASIL, C.P. 154 — BISSAU

DIRECTOR: António Soares; CHEFE DE REDACÇÃO EM EXERCÍCIO: João Quintino

REDACÇÃO: Aniceto Alves, António Tavares, Baltazar Bebiano, Carolina Morgado, Cristóvão Mango, Fernando Jorge, José Tchalles, Pedro Albino, Simão Abina. MAQUETAGEM: Cândido Camará, Justiniano Mendonça. FOTOGRAFIA: Agostinho Sá, Casimiro Cá, José Tehudá, Manuel Costa, Mário Gomes, Pedro Fernandes. SECRETARIA DA REDACÇÃO: Eurídice Gama, Idel Miranda, Ivete Monteiro.